

EXPERIMENTAÇÕES ESPACIAIS E LINHAS SUBJETIVAS QUE TRANSBORDAM E POTÊNCIA DO PROJETO ARQUITETÔNICO E JARDIM PAULISTA, PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Renan Rubio Koga¹ e Hélio Hirao²

Resumo

O artigo trata de práticas de experimentações realizadas no bairro Jardim Paulista da cidade de Presidente Prudente/SP. Através de derivas e com o auxílio de cartografias deleuzeanas e psicogeográficas, intencionou-se mapear a tessitura das conexões das linhas de forças e afetos das ambiências cotidianas do recorte espacial experimentado do Jardim Paulista desenvolvendo uma proposta de intervenção arquitetônica. A partir das inquietações apreendidas durante todo o processo, considerando as forças das conexões entre a sua ambiência e a sua forma estabelecida com os sujeitos do lugar e suas apropriações, ativam-se linhas que transbordam desse contexto, em constante movimento e transformações ao potencializar o projeto como intervenção para as práticas consideradas sem hierarquias, expressando seu cotidiano, em busca da não-objetivação da forma.

Palavras-chave: afetos, cartografia, deriva, rizoma.

SPACE EXPERIMENTS AND SUBJECTIVE LINES THAT OVERFLOW AND THE POWER OF ARCHITECTURAL INTERVENTION AND JARDIM PAULISTA, PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Abstract

The article discusses the experimentation practices realised in the Jardim Paulista, Presidente Prudente/SP. Through derive and with the help of Deleuzean and situationist derive cartographies, the intention was to map the process of the production of affections and the forces in the daily practiced ambiances of the place experienced: Jardim Paulista, developing a proposal for architectural intervention. Based on the concerns apprehended throughout the process, considering the forces of the connections between its ambience and its physical form with the subjects of the place and its appropriations, lines are activated that overflow from this context, in constant movement and transformations to potentiate the project as an intervention for practices considered without hierarchies, expressing its daily lives, in search of non-objectification of form.

Keywords: affects, cartography, derive, rhizome.

¹ Arquiteto e Urbanista graduado em 2019 pela FCT-UNESP. Email: renan_rubio@hotmail.com.

² Doutor em Geografia Urbana pela FCT-UNESP. Professor Assistente Doutor do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT-UNESP. Email: helio.hirao@unesp.br.

Introdução

A experimentação espacial realizada no bairro Jardim Paulista da cidade de Presidente Prudente/SP foi desenvolvida como Trabalho Final de Graduação³ em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, no Campus de Presidente Prudente, em 2019, a fim de investigar e experimentar pensamentos projetuais que se diferenciasssem do pensamento arbóreo⁴ e do processo linear modernista. Christopher Alexander (1968) discute sobre deficiência que o pensamento arbóreo demonstra quando urbanistas modernistas pensavam e projetavam a cidade como árvore, sendo que a cidade não é árvore. Desvencilhar o pensamento projetual do ensino de Arquitetura do que Alexander (1968) vai chamar de “*ciudades artificiales*”⁵ é importante para pensar cidades reais ao invés de cidades idealizadas.

A pesquisa desenvolvida parte das lembranças das memórias vividas e resgatadas pelo autor. O primeiro momento capta as apreensões espaciais, subjetivas e distorcidas, por ser um resgate em memórias vividas (Figura 1). Na sequência, desenvolve um procedimento de atualização para reconhecer, além da mirada comum, o que passa despercebido ao olhar desatento e não especializado.

Apoiado na prática da deriva e cartografias, a pesquisa buscou mapear a tessitura das conexões das linhas de forças e afetos da ambiência cotidiana do Jardim Paulista (Figura 2), tradicional bairro de classe média que apresenta usos diversos como comércio, serviços, escolas e residências, é um polo secundário da cidade e está distante do centro histórico de Presidente Prudente – São Paulo.

Através de um olhar qualitativo, objetiva-se entender a forma física como consequência da tessitura das conexões subjetivas com os sujeitos do espaço, nesse momento específico da alta modernidade (GIDDENS, 2003) que se vive com dinamicidade e transitoriedade característica da sociedade atual (FONTES, 2012). Essa perspectiva foi um dos principais desafios do trabalho desenvolvido.

Com isso, surgiram inquietações: como são experimentadas as singularidades de uma sociedade que se caracteriza a partir de um momento de extrema velocidade de transformação? Como apreender as singularidades numa imensidão genérica de produtos de espetacularização da cidade e frutos de uma subjetividade capitalística⁶ produzida (GUATTARI; ROLNIK, 1996)? Como reconhecer, em meio a uma explosão bege (KOOLHAAS, 2010), as singularidades e forças que tornam este lugar em um espaço único?

³ Disponível na íntegra em: https://issuu.com/renannk/docs/tfg_ii_-_renan_rk.

⁴ Pensamento desenvolvido a partir da contraposição entre árvore e rizoma. O arbóreo seria uma sequência vertical hierárquica ao qual deve-se ser um ou outro. Enquanto o rizoma, que se alastra horizontalmente, onde há sobreposições e permite-se a liberdade estar-se em mais de um grupo ao mesmo tempo. Discussões encontradas em ‘*Nuevas Ideas Sobre Diseño Urbano*’ de Christopher Alexander e ‘*Mil Platôs*’ de Deleuze e Guattari.

⁵ Christopher Alexander demonstra em ‘*Nuevas Ideas sobre Diseño Urbano*’ que a cidade não é uma árvore e ainda demonstra a diferença entre as cidades que ele chama de “*ciudades artificiales*” e “*ciudades naturales*”, onde as primeiras carecem de algum ingrediente essencial que não consegue ser captado por aqueles que projetam a cidade moderna. Portanto, desvincular o pensamento da Educação atual em Arquitetura e Urbanismo da maneira de pensar as cidades até o momento, é necessário para o desenvolvimento das cidades não mais como cidades artificiais, mas sim cidades reais.

⁶ Em ‘*Micropolítica: Cartografias do Desejo*’, Guattari e Rolnik (1996), evidenciam o uso do termo ‘capitalístico’ “por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do “terceiro mundo” ou do capitalismo “periférico” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p.15).



Parar para praticar

Aragon, Breton, Morise e Vitrac, em 1924, propuseram uma deambulação em campo aberto no centro da França. Partiriam a pé, sem se permitirem a desvios deliberados que não fossem de extrema necessidade como comer e dormir. Estariam desorientados e abandonados no inconsciente, estariam deambulando.

Depois da deambulação surrealista chega-se, não somente ao conceito, mas a uma nova prática: a *dérive*. Esta seria uma atividade lúdica coletiva que visa definir as zonas inconscientes da cidade (já se diferenciando da deambulação surrealista praticada principalmente no campo), mas que se apoia, também, nos conceitos de psicogeografia, a fim de entender os efeitos psíquicos do contexto urbano no indivíduo. É uma experimentação cunhada na cidade real. Constituem-se em apreensões das práticas cotidianas. Estaria, então, fundamentada na errância urbana.

Guy Debord reconhece as ilhas de Paris em sua cartografia “*The Naked City*” (DEBORD, 1957), com as ambiências e territorialidades vividas enquanto caminhava por lá (Figura 03). As relações entre as apreensões não se concretizam a partir de suas distâncias físicas, mas pelo contrário, elas acontecem pelas práticas que se comportam como forças no espaço que se atraem ou não. O distanciamento é a partir da apreensão da realidade, do mapa⁷ (DELEUZE; GUATTARI, 1995), ao invés de ser pelo decalque (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Apreender as práticas como cartografias com a cognição das suas relações com o espaço físico foi o modo mais apropriado para reconhecer as vivências da cidade real.

Em “A Invenção do Cotidiano”, Certeau (2003) discute sobre estratégias e táticas. As estratégias correspondem a um cálculo de relação de forças empreendido por um sujeito detentor de algum tipo de poder; visam produzir e impor. As táticas, por sua vez, são apresentadas como ações desviacionistas que geram efeitos imprevisíveis; são resultados da capacidade inventiva e da astúcia dos consumidores. São formas de escape às instituições de controle. A estratégia visa vender o menor número de produtos para a maior quantidade de consumidores possíveis quando se olha da

⁷ Deleuze e Guattari contrapõem o mapa ao decalque em sua obra conjunta ‘Mil Platôs’. O “mapa” referido no texto não se trata, portanto, de um mapa cartográfico convencional, mas sim a um conceito discutido pelos autores, bem como “decalque” também é desenvolvido no decorrer do texto a partir de noções adquiridas da obra citada.

perspectiva das práticas de consumo cultural. Então, numa sociedade envolta no consumismo típico do mundo capitalístico (GUATTARI; ROLNIK, 1996), Koolhaas (2010) diz que a cidade genérica é a cidade sem histórias. Seria uma cidade sem história ou seria uma única história para todas as cidades? E também uma produção de subjetividade social (GUATTARI; ROLNIK, 1996) encontrada em todos os níveis da produção e do consumo, produtora até mesmo daquilo que acontece conosco quando sonhamos, quando devaneamos, fantasiemos e assim por diante? É um processo de encodificação preestabelecido, como modos de manipulação, uma estratégia genérica. Percebe-se, diante disso, como a produção da cidade genérica contemporânea se conforma como algo destinado a não estimular a participação das pessoas, a fim de evitar interações. Não há mais, o sentimento de pertencimento aos espaços que agora são réplicas. Passa-se pelo espaço ao invés de vivenciá-lo por não haver mais identificação com o lugar, por este não se caracterizar mais pela singularidade das pessoas que ali vivem. A paisagem da cidade se torna uma mercadoria – e que por ela se impõe uma estratégia cultural a ser vendida – e, então, fica notável a reprodução de espaços de acordo com a tipologia de lojas, shopping centers, transnacionais vendidos pela mídia.

A tática (CERTEAU, 2003) é colocada como a arte do fraco, como habilidades criativas e de astúcia de manipular a estratégia, aquilo que é imposto. Diante de uma estratégia genérica, quais as táticas?

Numa tentativa de se apreender dessas estratégias e táticas pela prática da deriva e cartografia, no Jardim Paulista da cidade de Presidente Prudente, separou-se em dois modos de aproximação: uma dentro e outra fora dos muros.

Foram reconhecidos tanto os que se muravam e se fragmentavam do mundo quanto os que são fragmentados pelas ações dos primeiros, como também, a relação que contém os dois lados, reações como forma de escape para a cultura de medo instaurada e que se manifesta espacialmente em forma de muros, câmeras, cercas elétricas, portões densos e altos, etc.

Não se pode enxergar diretamente as práticas que ocorrem para dentro dos muros, mas através de brechas é possível identificá-las. Vê-se água escorrendo por debaixo dos densos e altos portões. Identifica-se o som de cachorros latindo. Curiosamente, há tapetes pendurados para secar no muro de uma casa, vidas transbordam através do confinamento murado que se instala no ideal de proteção da casa, que é imposto e não é o seu desejo, já que o próprio sujeito da casa encontra maneiras de manipular o elemento que deveria o estar isolando – que, nesta situação, é o muro, mas na verdade serve como meio para transcender do privado ao público (Figura 03).

Há, desse modo, uma contradição de reproduzir uma estratégia e sentir a necessidade de “driblá-la”, como evidenciado nessa relação do morador com o muro.

São casas onde não existem a preocupação com o acesso do pedestre: apenas o acesso de veículo já basta. A ausência da conexão direta com espaço público caracteriza essas práticas. As câmeras de segurança que vigiam e a distanciam da rua, reafirmam a sensação do medo, alimentam a ilusão de segurança e, então, de insegurança por haver a necessidade de existir uma vigilância constante. Isola-se no interior de fortes blindados. Cria-se mais expectativa do perigo presente no lado de fora. E como essas características de uma cultura de medo se manifestam no espaço público do recorte estudado? Cria-se uma ambiência, uma atmosfera, de distanciamento entre aquele que passa pela rua e o privado, daquilo que antes interagira de uma maneira simbiótica, mas que agora tem suas delimitações bem marcadas por elementos de “segurança”: o público e o privado. Tem-se agora, na rua, uma ambiência muito forte, um delírio em meio a muros altos e densos.

Mas essa ambiência é a única a ser trabalhada? É possível que ela isolada seja



o recorte todo? É possível considerar apenas um plano de realidade? Analisar um fato isolado de seu contexto cotidiano? Uma única pétala constituiria uma flor se vista como único ponto de estudo?

Evidentemente, que não. As práticas apreendidas, os tempos diferentes... todas as sobreposições e coexistências. É justamente esse ponto de encontro, de sobreposições que traz o caráter intrigante para a discussão: o entre. O rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) está no entre. A árvore, na sua hierarquização das práticas, não o permite. O que acontece na praça é, de alguma forma, influenciado pelo entorno e o que nele ocorre? Apreende-se que sim. As vivências que ali ocorrem também dependem do que acontece no mercado, por exemplo. Os trabalhadores do supermercado (Figura 02), que se encontram na esquina em frente à praça, que descansam em seus horários de almoço, não estão presentes em dias em que o mercado não funciona. Assim como os senhores que jogam baralho nas mesas da praça, que em outros horários são utilizadas pelos trabalhadores do mercado, se reúnem mais frequentemente no fim da tarde. Não há uma hierarquia de importância do que ocorre, elas coexistem. Isso é o rizoma. Sair da linearidade, do insensível e do autoritário. Entender a liberdade do pensamento, estar sensível as multiplicidades. Mergulhar-se na cidade através de uma experimentação intensa do espaço, como propõe Careri (2013), é, também, entender que, como num rizoma, as práticas cotidianas podem ou não estar conectadas, e a multiplicidade é enriquecedora para o espaço.

Culmina-se, então, no antro das relações. Uma atmosfera não é composta por apenas um elemento, tal como a flor não é composta apenas por uma pétala. Reconhecer apenas elementos de segurança de toda a subjetividade vendível que constitui uma cultura de medo e que caracteriza a Rua Dr. Nestor Seabra, portanto, não basta. Estaria, então, isolado em um único ponto do rizoma e analisado de forma linear e simplista, sem entender de fato o contexto geral, ou seja, o rizoma, em que este ponto se insere. Ele [o ponto] é vários ao mesmo tempo, assim como começa a primeira frase de “Mil Platôs”: “Escrevemos Anti-Edipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 10). O ponto é, em si, o ponto e – que é a conjunção formadora do tecido rizomático - ponto constituinte de uma multiplicidade e que, por, então, estar em meio de conexões e não-conexões, [o ponto] é muitos ao mesmo tempo.

A Praça do Supermercado Nagai, um refúgio isolado entre movimento, é um entre. As ruas que a permeiam são [ruas] da cidade genérica: o automóvel priorizado, o pedestre com espaço determinado previamente. As práticas ali presentes resistem a esse isolamento e morte do espaço público. Pessoas que em seus horários de descanso do

trabalho ali ficam e senhores que jogam baralho e jovens que, à noite, ali conversam...

O movimento que se origina da Avenida Washington Luiz para a Rua Dr. Nestor Seabra é pulsante. Movimento, na verdade, que, mais uma vez, mostra a posição do automóvel e do pedestre. Assim como na praça, a distância de uma via simples de uma rua parece um abismo entre dois espaços destinados a pedestres. Cria-se, então, duas calmarias fora do fluxo e que parecem ser isolados, mas que, na verdade, vazam e têm seus limites – mesmo que barreiras não físicas – rompidos por aqueles que interligam o fluxo à calmaria ou a calmaria ao fluxo. São dois tempos diferentes. Tempo rápido *versus* tempo lento. Ainda mais do que isso: tempo lento e tempo rápido. Eles coexistem e se relacionam. Não se é um ou outro. Pode-se ser um e outro. Estar um e não o estar mais.

Territorialização que faz e se desfaz; que é feita e desfeita; interna e externamente; por si mesma e por outros. Agente ativa e passiva de um processo de dominação e contradições, contrastes ao mesmo passo em que se vive uma comunhão sagrada de uma subjetividade inventada. Estranha àquele que não segue as estratégias funcionais de lá.

Em certo dia, durante um momento de deriva, o autor tirou uma cadeira do lugar que estava no bar para se sentar um pouco mais ao canto e enxergar melhor o que as pessoas faziam. Depois de certo tempo, levantou-se e voltou a andar. Quando chegou novamente em frente ao bar onde tinha se sentado minutos atrás, a cadeira que foi tirada do lugar foi retornada (por um terceiro) ao seu lugar definido por outro previamente. Há, em sua atmosfera, um padrão a ser seguido. Aglutina-se em si mesma. “A nossa vida ainda se regra por certas dicotomias inultrapassáveis, invioláveis, dicotomias as quais as nossas instituições ainda não tiveram coragem de dissipar.” (FOUCAULT, 1967, p. 79).

O arbóreo: ser um ou outro. A homogeneidade irreal do espaço. No espaço, uma possibilidade de multiplicidades que coexistem de forma simultânea, o que o torna, então, um espaço heterogêneo, onde, por excelência, pode-se ser um e outro ao mesmo tempo – utilizando-se da conjunção formadora do rizoma “e...e...e...”.

A feira-livre que ali acontecia às quartas-feiras pela manhã, vai ser outra pétala fundamental para a flor. Outro ponto de várias conexões do rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995) do Jardim Paulista de Presidente Prudente (Figura 04). A feira-livre tem, em si, uma absoluta cronicidade, é temporal. Um espaço físico real e que pode ser apontado num lugar geográfico numa parcela de tempo finita, determinada. É uma heterotopia, como coloca Foucault (1967), que está associada ao tempo na sua vertente mais fugaz, transitória e passageira. A feira existe. É apontável e não apontável. É um lugar sem lugar e que se define (agente ativa de si mesma, ao invés de ser definida por outro) num tempo definido e curto, até não o ser mais. É efêmera. Na relação espaço/tempo, é um espaço definido numa duração curta de tempo. É tão mutável e dinâmica quanto o rizoma. É um espaço rizomático. É um espaço de indeterminações. A feira-livre é um espaço de instalações tão reais quanto temporárias. As feiras podem existir aqui e além. São quase como navios – que, para Foucault (1967), são heterotopias por excelência – da cidade.

As convenções impostas previamente desaparecem por um curto período de tempo: a rua não é mais a passagem de veículos. Torna-se um espaço livre, sem determinações do caminhar; é palco das instalações efêmeras que compõem parte da atmosfera que é possível de apreender na feira livre. Vive-se, então, às quartas-feiras de manhã, uma atmosfera limitada no tempo, mas tão real no espaço quanto qualquer outra e que se apropria de forma diferente de qualquer outro momento: o muro, por exemplo, não está



mais como linha dura e limitadora; ele é tornado palco e apoio para apropriações, de linha rígida, ele vira linha que transborda, uma linha do desvio.

Projeto: linha que transborda

“Muitas pessoas têm uma árvore plantada na cabeça, mas o próprio cérebro é muito mais uma erva do que uma árvore” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.24). Enquanto a árvore e o pensamento arbóreo são memória longa, o rizomático é memória curta, no sentido de ser cartografia, diagrama; de permitir e ser a multiplicidade que “banha todo um sistema, probalístico incerto” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.24). É o que permite a dinamicidade, a liberdade do pensamento, ser fluido, montar-se e desmontar-se, ser aberto. É permitir, portanto, sempre estar aberto a novas indagações e permitir que a resolução de um problema seja sempre passível de ser evoluída e construída (ou desconstruída).

O rizoma se alastra na horizontal ao invés de se definir e se prender na vertical. É a linha que transborda ao invés de ser a linha que limita. É a antigenealogia e a antimemória. É o que devaneia e esquece, mas que retoma e vive novamente. Esse enraizamento horizontal e que parte em múltiplas direções é que recusa a estrutura genética linear e vertical. Sua memória curta não se prende ao que antes estava (e, portanto, a forma que se concebia no momento), mas sempre permitindo a evolução constante para assumir e tomar novas formas. Tal como deve estar o projeto. Sempre estar ao invés de ser. Estar um e então estar outro. A memória curta da forma. A forma nunca há de ser fechada e definida. Deve sempre estar aberta a novos questionamentos e novas soluções. Ser reversível e modificável. Ser rizoma.

A prática projetual objetivando a não-objetivação da forma. Definir-se um projeto que está inacabado. Não por falta de tempo ou por falta de conhecimentos, mas por não ser fechado e estar em constante construção.

Rompe-se com o projeto formal de até então.

É essa a tecla fundamental do novo conceito de antiarte: não apenas martelar contra a arte do passado ou contra os conceitos antigos (como antes, ainda uma atitude baseada na transcendentalidade), mas criar novas condições experimentais (OITICICA, 1986, p. 97).

O arquiteto como figura de gênio criador e o projeto como um produto isolado em que se fazem as vontades do projetista numa forma de experiência social para a criação de obras são percebidos como uma série de formação de cenários desconexos com a subjetividade das pessoas que irão se apropriar dele e da própria realidade em que

este será inserido. Estas práticas são abandonadas para passar a um novo momento, uma transitoriedade, para uma prática projetual que permita a liberdade do projeto da forma.

A participação dos espectadores (que agora não mais serão apenas espectadores, mas passarão a ser atores, também, do processo projetual e da definição da forma do projeto) é um elemento importante para a forma sem forma.

A característica de efemeridade do projeto é, portanto, ligada ao tempo de duração que este terá sua forma definida ao invés do tempo de duração da intervenção no espaço, como algo que apodrece. A intenção de efêmero trazida é justamente a libertação do projeto das linhas limitadoras. Ao assumir novas formas pela participação de diferentes pessoas, o projeto se torna efêmero.

Potencializando o projeto

Durante todo o processo de apreensão das relações afetivas do Jardim Paulista, as práticas foram ficando evidentes assim como uma maneira de potencializá-las. Não se tinha como objetivo criar possibilidades ou encontrar soluções para um problema que fosse diagnosticado, até porque a realidade e apreensões do seu movimento vêm sem discernimento daquilo que é bom ou ruim, mas sim potencializar as singularidades e práticas já existentes.

A importância dos caminhos e de como as pessoas fluíam pelo espaço foi de extrema importância. Percebe-se que a forma instituída, como o fluxo com detalhes vermelhos poderia quebrar a fluidez do fluxo, enquanto as formas a partir do fluxo funcionariam como facilitadoras e não se apresentariam como obstáculo para aquilo que já existia (Figura 05). O projeto poderia, portanto, ser imposto à realidade ou ser potencializador de práticas já existentes.

Passou-se a enxergar o fluxo como um líquido corrente. O projeto, em si, não deveria ser um obstáculo para aquele rio que ali já corria, mas pelo contrário, deveria ser dado a partir disso. Assinala-se então momentos de fluxo que foram apreendidos do espaço. Este, ao longo do muro da escola, tinha pontos de dispersão e divergências ou de encontros, dependendo de onde se vem e se vê (Figura 06). As forças presentes, portanto, fluem e continuarão a fluir independente de como a intervenção se coloque no espaço.

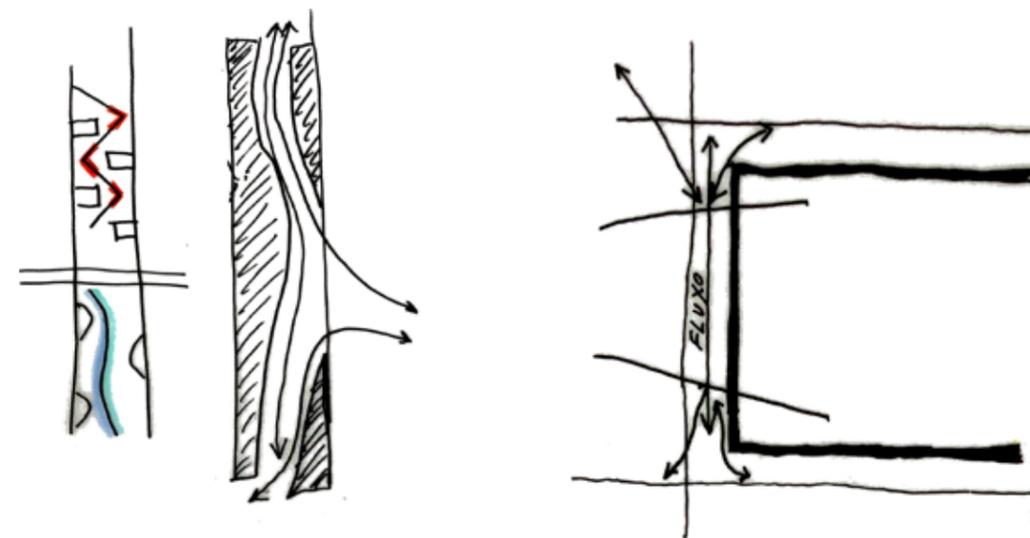
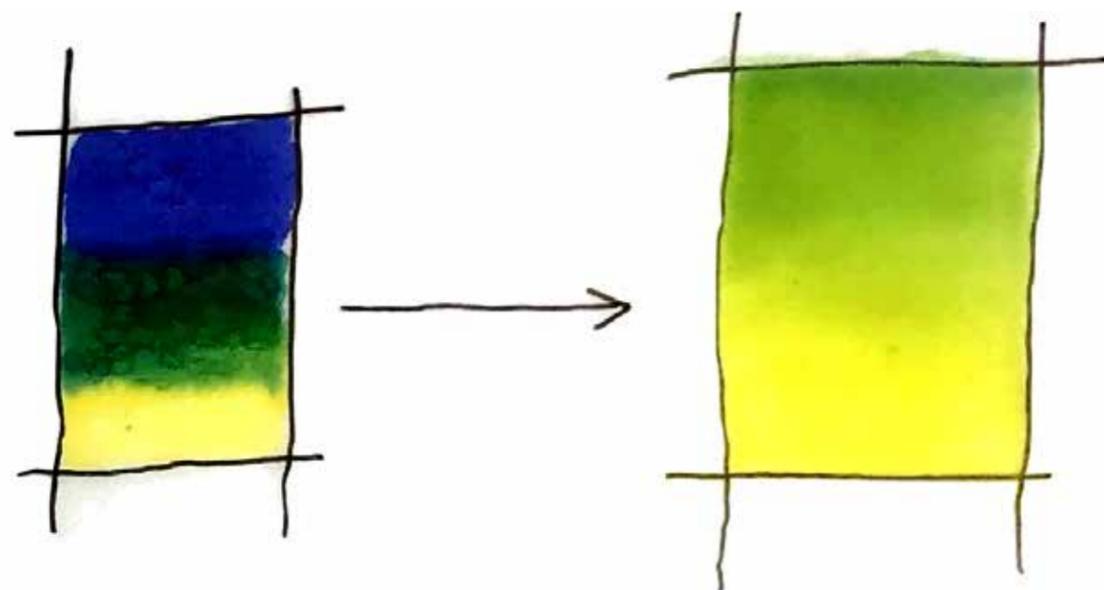


Figura 5 - O fluxo como líquido corrente. Fonte: Koga, 2019. Figura 6 - O fluxo pela extensão do muro da Escola Navio. Fonte: Koga, 2019.



Ao invés de ser um hierarquizador que evidencie territorialidades, a proposta deveria, de alguma maneira, assumir forma (ou formas) que facilitassem que essas territorialidades não fossem divididas por linhas duras, mas sim por linhas do desvio que transbordassem vida entre si. Elas [as territorialidades] se sobrepõem, não são pétalas isoladas de uma flor, juntas constituem, enquanto isoladas não são. Portanto, as linhas que se sobrepõem-se extravasam entre si, não se limitam (Figura 07).

Inicialmente, era pretendido trabalhar o ponto, a linha e o plano. E isso foi tomando formas no espaço. Como o ponto que seria o coágulo em uma escada que se desviaria da função primeira de servir como passagem vertical, mas seria um ponto de contemplação e para sentar-se. O plano seria, talvez, uma superfície suspensa, uma zona indeterminada a cima do nível da rua, acessada por caixas de escada que poderiam se mover. Analisando o que estava esboçado e pensado, foi ficando evidente que a forma era rígida e inserida artificialmente no recorte, tomando como objetivo a criação de possibilidades ao invés de ativar e potencializar àquelas já existentes.

Através de diagramas, desenhos e mapas, repensou-se a forma. Qual seria a forma ideal para uma área onde a transitoriedade de atmosferas e apropriações eram constantes no tempo? Fluxos que se cruzavam de acordo com horários e dias?

Voltou-se, então, ao rizoma, aquele que seria livre e permitiria essa tal transitoriedade presente no cotidiano do recorte estudado. E entre desenhos e pensamentos, a não-forma pareceu o mais ideal para tal situação. E na elaboração de um rizoma, a rede começou a ser notada. A rede que tem sua forma não definida, que assume e toma novas formas de acordo com a pessoa ou com a situação em que ela é colocada. E permitiria, também, instalações rápidas e mutáveis, que pudessem tomar novas angulações e serem apropriadas de acordo com o usuário. Ela seria a sobreposição entre seus próprios elementos de rede, assim como as territorialidades que se sobrepõem.

Entendeu-se que esta era uma linha do desvio, a rede seria a linha que transbordaria.

Com ganchos instalados pela extensão do muro e pelo meio fio, diferentes angulações poderiam ser feitas por aqueles que fossem da rede utilizar. Alguns elementos verticais também seriam instalados para que a rede pudesse ser colocada acima das pessoas, como as instalações da feira-livre (Figura 08).

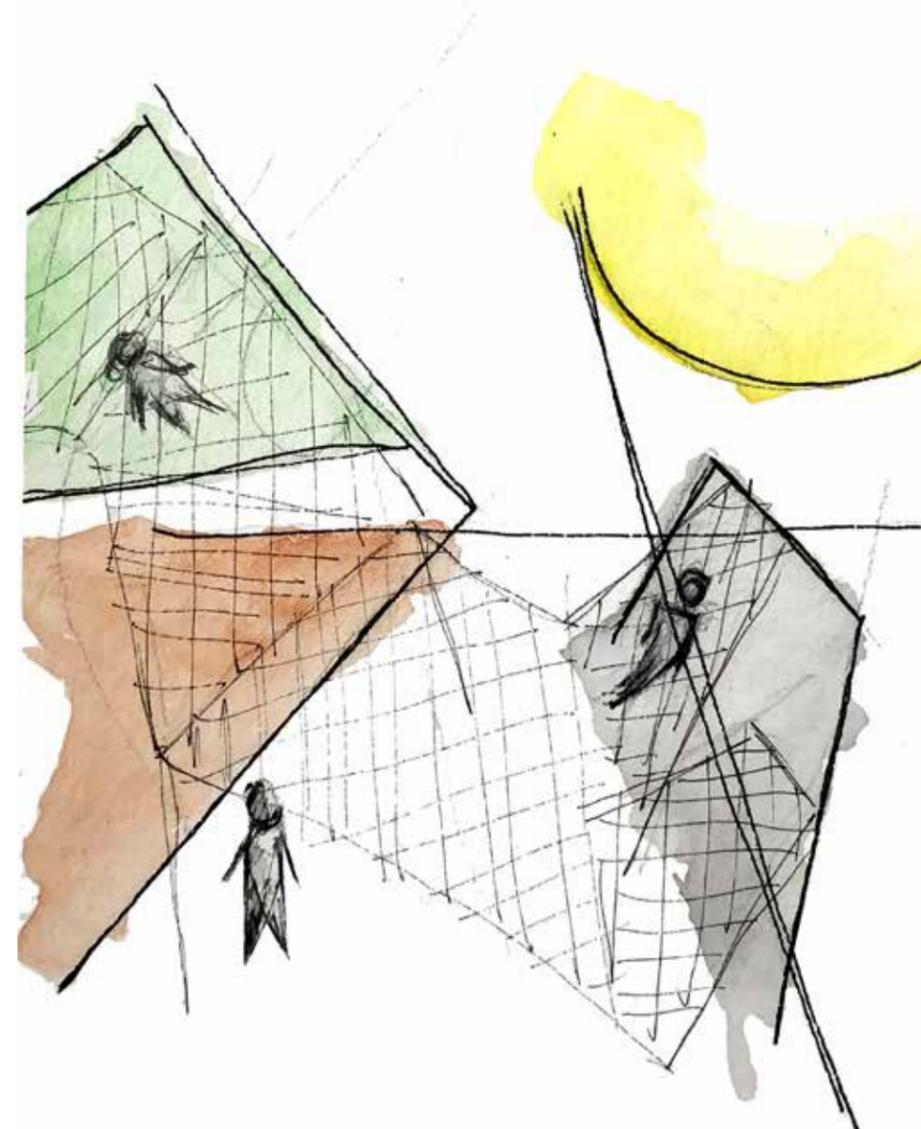


Figura 8 - Espacialização e multiplicidades. Fonte: Koga, 2019.

Este foi o ponto do rizoma a que se chegou. A forma como produto de analogias tipológicas foi retardada ao máximo possível, priorizando sempre a intervenção do espectador não mais como mero observador, mas agora como participante e realizador da intervenção e aquele que definiria a forma, até que então outro sujeito interferisse e o projeto tomaria outra forma.

Considerações finais e transitórias

A reflexão deste momento da pesquisa realizada é que não se está no final. O seu processo é aberto e, assim como todos os pontos do rizoma que foi esboçado, apenas desenvolveu-se uma das multiplicidades espaciais, estas ainda são passíveis de outras construções, estando o projeto sempre em aberto e não finalizado.

Entende e prioriza-se a importância do processo, do entre, ao invés de um produto final fechado, sendo esta pesquisa um experimento de uma maneira de pensar, projetar e caminhar pela cidade que diferem do processo linear cunhado nos fundamentos modernistas aos quais a educação, não somente na Arquitetura, está tão fortemente ligada até os dias de hoje.

São, assim, potências de projeto como intervenção e nunca terminarão.

Apresenta-se, portanto, o ponto a que se chegou, mas que pode – e deve – ser apenas um ponto numa construção infinita. E esta é, também, a realidade da cidade em que se

vive, sempre aberta para constantes transitoriedades.

Assim, as considerações finais são, na verdade, apenas uma transitoriedade de um processo sem fim... e sem começo também.

É o meio.

É o rizoma.

Referências

ALEXANDER, Christopher. *Nuevas ideas sobre diseño urbano*. Buenos Aires: Cuadernos summa-nueva visión, n. 9, 1968. p. 20 – 30.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora GG, 2013.

CARERI, Francesco. *Caminhar e Parar*. São Paulo: Editora GG, 2017.

DEBORD, Guy. *Teoria da Deriva*. In: JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. v.1. São Paulo: Editora 34, 1995.

FONTES, Adriana. *Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea*. Arquiteturarevista. São Leopoldo. v.8, n.1, 2012, p. 31-48.

FOUCAULT, Michel. *De outros espaços*. In: Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Etudes Architecturales, 1967. Disponível em: <<http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault-de-outros-espacos.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2020.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.233.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

KOGA, Renan. *Linhas que transbordam: Multiplicidades e singularidades do Jardim Paulista de Presidente Prudente*. Trabalho Final de Graduação (em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. 2019.

KOOLHAAS, Rem. *A cidade Genérica. Três textos sobre a cidade*. São Paulo: Editora GG, 2010, p. 29 - 66.

OITICICA, Hélio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco. 1986.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. *Terrain vague*. 2002. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-35561/terrain-vague-ignasi-de-sola-morales>>. Acesso em: 28 jan. 2019.